

TÊNIS DE MESA ADAPTADO EM GOIÂNIA
TENNIS TABLE ADAPTED IN GOIÂNIA
TENIS DE MESA ADAPTADO EN GOIÂNIA

Jorge André da Fonseca e Ana Paula Salles da Silva

Faculdade de Educação Física e Dança – Universidade Federal de Goiás

(FEFD/UFG)

(jorge_andre_10@hotmail.com)

Fecha de recepción: 05/05/2015

Fecha de aceptación: 07/06/2015

Resumo: Os esportes adaptados têm grande importância na vida cotidiana dos indivíduos com deficiência física, contribuindo de forma positiva em vários aspectos. Este trabalho tem a intenção de investigar como se deu o processo de desenvolvimento da modalidade de tênis de mesa adaptado em Goiânia. A pesquisa evidenciou que o tênis de mesa adaptado em Goiânia surgiu a partir de processos de reabilitação e que pouco tem avançado desde a sua criação em relação à estrutura física, aos materiais e a qualidade dos treinamentos, apresentando também pouco investimento na formação de atletas. Apesar das dificuldades para o desenvolvimento da modalidade têm-se um aumento de atletas que se destacam no cenário nacional e internacional.

Palavras-Chave: esporte adaptado; deficiência; tênis de mesa.

Abstract: The adapted sports have great importance in the daily lives of individuals with disabilities, contributing positively in several respects. This work intends to investigate how it was the process of development of table tennis adapted in Goiania. The research showed that the table tennis adapted in Goiania emerged from rehabilitation and that little has advanced since its creation in relation to the physical structure, materials and the quality of training, with too little investment in training athletes. Despite the difficulties in the development of the sport have been an increase of athletes who excel in national and international scene.

Keywords: Adapted Sports; Disabilities; Table Tennis

Resumen: Los deportes adaptados tienen gran importancia en la vida cotidiana de las personas con discapacidad, contribuyendo positivamente en varios aspectos. Este trabajo se propone investigar cómo fue el proceso de desarrollo del deporte del tenis de mesa adaptado en Goiania. La investigación demostró que el tenis de mesa adaptado en Goiania salió de rehabilitación y que poco se ha avanzado desde su creación, en relación con la estructura física, los materiales y la calidad de la formación, con muy poca inversión en el entrenamiento de atletas. A pesar de las dificultades en el desarrollo del juego muestra un aumento de los atletas que se destacan en la escena nacional e internacional.

Palabras Claves: deporte adaptado; discapacidad; tenis de mesa.

1. INTRODUÇÃO

A importância dos esportes adaptados na vida das pessoas com deficiência é evidente no campo das pesquisas científicas (Senatore, 2006; Gorgatti *et al*, 2008; Horta, 2009; Cardoso, 2011). Segundo Senatore (2006) o esporte adaptado contribui para o desenvolvimento físico, além de ser uma prática social importante no processo de reabilitação e de integração das pessoas com deficiência junto à sociedade. Cardoso (2011), ressalta que o exercício físico de maneira geral tem grande impacto na qualidade de vida das pessoas com deficiência, sendo que sua prática ocasiona diversos benefícios físicos e psicológicos. Sobre o aspecto físico Horta e colaboradores (2009), destacam ainda que a prática de exercícios físicos por pessoas com deficiência pode resultar em mudanças na composição corporal, reduzindo o tecido adiposo e aumentando a massa corporal magra. Neste contexto dos benefícios dos esportes adaptados, a prática do tênis de mesa adaptado além de contribuir para os aspectos citados possui, segundo Martins e Camargo (1999), uma grande capacidade de envolver as faculdades cerebrais dos atletas que o praticam, que são, raciocínio lógico, intuitivo e criativo e concentração. Sendo o tênis de mesa adaptado o segundo esporte a fazer maior uso destas faculdades cerebrais, perdendo apenas para o xadrez (Martins; Camargo, 1999).

Apesar destes dados é preciso reconhecer que o esporte adaptado encontra-se marginalizado dentro do contexto mais amplo da prática do esporte no mundo. As formas de organização no campo esportivo apresentam-se hierarquizadas, pois como denuncia Bourdieu (2007) as disputas de poder também se processam no campo simbólico e cultural. O esporte adaptado, por ter sido criado para ser praticado por uma parcela da população considerada durante muito tempo como incapaz, carrega desde sua gênese um esteriótipo negativo que o coloca em situação de menor importância em relação as outras práticas esportivas. Um exemplo desta sua posição inferior no campo esportivo é a reduzida visibilidade na mídia.

A historiografia dos esportes adaptados no Brasil é uma área pouco desenvolvida, o que pode ser explicado pela expansão mais recente desta prática, década de 50, e pela falta de interesses econômicos com este fenômeno do campo esportivo, tratando-se os estudos nesta área de relatos mais gerais sobre o surgimento dos primeiros esportes adaptados, fato ocorrido nos grandes centros urbanos. Neste sentido, cidades localizadas em regiões periféricas quase não são citadas na literatura científica quando se trata do esporte adaptado, segundo Dias (2012) quando se trata de abordar a história do esporte no Brasil o que acaba ocorrendo é uma indução narrativa pautada sobre a centralidade e influência das grandes cidades, mais especificamente Rio de Janeiro e São Paulo. O risco desta indução é a produção de um saber linear e por sua vez superficial sobre o desenvolvimento do esporte no Brasil, provocado pela desconsideração com as especificidades regionais, em especial pela dimensão territorial deste país.

Assim ao se abordar o desenvolvimento do tênis de mesa adaptado na cidade de Goiânia/GO trata-se de analisar as singularidades da emergência desta prática social marginalizada no campo esportivo e realizada no Centro-Oeste do Brasil, região que é marcada historicamente pelo signo do atraso, do arcaísmo e do subdesenvolvimento (Lima, 1998).

2. O ESPORTE ADAPTADO E O TÊNIS DE MESA ADAPTADO: ALGUNS APONTAMENTOS

Segundo Araújo (1997), o esporte adaptado é de difícil localização no tempo e na literatura. Todavia, pode-se dizer a partir deste autor que o esporte adaptado se expandiu com as modalidades desenvolvidas após a Segunda Guerra Mundial como forma de facilitar a reabilitação dos soldados feridos nas batalhas, sendo implantado pelo médico Dr. Ludwig Guttmann, um neurologista.

A prática do esporte adaptado apresentou duas linhas de intervenção, sendo uma já mencionada acima, que é o esporte reabilitação, a outra usa o esporte como meio de inserção social e é advinda dos Estados Unidos, e tem por maior objetivo fazer com que as pessoas com deficiência voltem para a sociedade como um ser capaz de realizar as suas atividades diárias e de competir no mercado de trabalho e, neste enfoque também é dada conotação competitiva ao esporte (Costa & Souza, 2004). Neste sentido Adams *et al* (1985, *apud* Araújo 1997, p.7) faz a seguinte observação "Graças às atividades recreativas, os deficientes físicos encontraram a motivação necessária para participarem da comunidade mais ampla, de produzir, de trabalhar e de assumir papéis de liderança na comunidade".

Neste momento era prioridade do governo dos países envolvidos no conflito e também da classe científica a reabilitação dos soldados feridos nas batalhas, pois, a qualidade de vida chamava a atenção para a necessidade de estudos. Os governos também se viam na obrigação de dar repostas as sociedades no sentido de minimizar as adversidades causadas pela guerra.

Segundo Araújo (1997), o primeiro passo foi à criação de um centro de reabilitação para tratamento dos soldados lesionados medulares no hospital de Stoke Mandeville, onde surge o primeiro programa de esporte em cadeira de rodas, com o objetivo de trabalhar o tronco e os membros superiores. Também tinha por objetivo reduzir o tédio hospitalar.

A implantação dos esportes adaptados no Brasil foi difícil e surgiram a partir da reabilitação de pessoas acidentadas, na lógica que se processa o movimento internacional de reabilitação. Araújo (1997) e Freitas e Cidade (2002) afirmam que o esporte adaptado adentrou no Brasil através de Sérgio Serafim Del Grande e Robson Sampaio de Almeida que procuraram os serviços de reabilitação nos Estados Unidos em meados de 1950, após sofrerem acidentes e ficarem com deficiência física.

Por iniciativa destes dois homens [...] o Desporto passou a ser praticado por portadores de deficiências aqui no Brasil. Este movimento vai se fortalecendo e passa a buscar contatos internacionais a partir de 1969, quando é formada a primeira Seleção para participar dos 2º Jogos Panamericanos realizados em Buenos Aires (Araújo, 1997, 19).

Este evento realizado na Argentina foi de fundamental importância para que o Brasil mantivesse contato com as equipes de vários outros países e também para realização de intercâmbio com os profissionais para conhecerem outras modalidades esportivas que ali eram praticadas. A partir de então este movimento no Brasil começou a trilhar os caminhos estabelecidos pelos Órgãos Internacionais, buscando assim uma participação cada vez mais efetiva neste campo.

Segundo Mattos (1994), Sérgio Del Grande desenvolveu a modalidade de Basquetebol em Cadeira de Rodas em São Paulo, incentivando a criação do Clube dos

Paraplégicos e, Robson Sampaio de Almeida foi ao Rio de Janeiro onde criou o Clube de Otimismo. Contudo foi apenas em 1984 que o Brasil começou a participar das Paraolimpíadas e, desde então só cresceu em números de medalhas, chegando até a superar o número de conquistas dos brasileiros nas Olimpíadas (Cardoso, 2011).

Nas duas últimas décadas, a prática social que a atividade motora adaptada vem desenvolvendo aponta para duas tendências: uma delas voltada para a prevenção e para a reabilitação por meio dos esportes e lazer; a segunda se preocupa com a formação de atletas, em diferentes modalidades esportivas adaptadas, para a participação nos eventos nacionais e internacionais (Carmo, 2006).

Assim, pode dizer que as competições de esporte adaptado tiveram sua origem na reabilitação de soldados e em organização de veteranos de guerra. No Brasil, o esporte adaptado nasceu dentro do mesmo contexto de reabilitação, ainda que não de soldados, e foi sendo influenciado pelo modelo norte-americano ligado à formação de entidades clássicas e associações em nível internacional (Araújo, 1997; Gorgatti, 2005).

O tênis de mesa adaptado no Brasil e no mundo também surge no contexto da reabilitação, sendo este esporte uma das modalidades paralímpicas mais tradicionais e desde os jogos de Roma (1960) está presente em todas as edições. Podem participar desta modalidade atletas de ambos os sexos, masculino e feminino, desde que possuam deficiência físicas elegíveis para sua categorias. Estas pessoas são divididas em duas categorias: usuários de cadeiras de rodas e não usuários de cadeira de rodas. Os atletas com paralisia cerebral também são divididos por categorias (Destro, 2010).

Com o passar dos anos ocorreram algumas mudanças no tênis de mesa adaptado, assim como em qualquer outra modalidade. Desde os jogos de Roma até o Tel Aviv (1968), as partidas eram disputadas no individual e em duplas, em Heidelberg, em 1972, começaram as disputas por equipe, sendo que, em Toronto (1976) e em Arnhem (1980), só tiveram disputas de jogos simples e por equipes. Em Barcelona (1992), as disputas passaram a ser apenas no individual e por equipe, todavia, em Atenas também ocorreu disputas em duplas (CPB, 2010).

A primeira subcomissão de tênis de mesa adaptado, segundo Destro (2010), foi formada em 1970, sob o comando da então Federação Internacional dos jogos de Stoke Mandeville, hoje em dia, Federação Internacional de Esportes para Amputados e Deficientes. Esta era a responsável pelos eventos e jogadores em cadeira de rodas.

Destro (2010) também relata que o tênis de mesa adaptado, em 1992, foi a primeira modalidade adaptada a ter todas as classes submetidas ao comando de um mesmo comitê. O Comitê Internacional de Tênis de Mesa Paralímpico surge em 2003 após ser incluído o termo “Paralímpico” em todos os comitês, isso ocorreu a pedido do Comitê Paralímpico Internacional (CPI).

Atualmente, mais de oitenta nações praticam o tênis de mesa adaptado. Em relação ao Brasil, a história mais geral do tênis de mesa adaptado se confunde com a do Comitê Paralímpico Brasileiro (CPB), pois, a modalidade começou aqui em nosso país com a fundação do comitê, em 1995. Somos representados nos Jogos Paralímpicos desde os 1996, quando a Parolimpíada foi sediada em Atlanta. Em 2003, a CPB organizou o Parapan de tênis de mesa em Brasília. Nos Jogos Parapan-Americanos do Rio de Janeiro em 2007, o Brasil foi campeão geral da modalidade com vinte e seis medalhas, sendo onze de ouro, sete de prata e oito de bronze (CPB, 2014).

No nosso país, quem era responsável pela organização da modalidade era a Confederação Brasileira de Tênis de Mesa Adaptado (CBTMA), esta foi criada em 2001 e foi idealizada justamente por um grupo de atletas em condição de deficiência

praticante da modalidade. A CBTMA contava com 8 federações regionais, que são: Paraná, São Paulo, Goiás, Rio Grande do Norte, Distrito Federal, Rondônia, Rio Grande do Sul e Ceará. No entanto, devido a reorganização esta Confederação uniu-se com a Confederação de Tênis de Mesa (CBTM), sendo que atualmente a entidade que coordena o tênis de mesa no Brasil é a CBTM.

Mesmo com este acoplamento as regras permaneceram as mesmas, o jogo em si não mudou muito. Os jogos de tênis de mesa adaptado podem ser individuais, em duplas ou por equipes. As partidas consistem em melhor de cinco sets, sendo que cada set é disputado até que um dos jogadores atinja a quantidade de onze pontos e, em caso de empate de dez pontos cada jogador, vence quem abrir primeiro dois pontos de vantagens (Destro, 2010). A raquete pode ser amarrada na mão do atleta para facilitar o jogo.

3. METODOLOGIA

Foi realizada uma pesquisa de caráter descritivo-exploratória. A pesquisa descritivo-exploratória é dividida por Triviños (2008) em pesquisa descritiva e pesquisa exploratória, sendo que, para ele, “os estudos exploratórios permitem ao investigador aumentar a sua experiência em torno de determinado problema” (p. 109) e o estudo descritivo caracteriza-se pelo desejo de conhecer as características de determinada comunidade.

Como instrumento de coleta de dados utilizou-se a entrevista semiestruturada, por entender que os sujeitos da prática do tênis de mesa adaptado é que poderiam melhor elucidar a realidade a ser investigada. Este tipo de instrumento na realização das coletas dos dados permite ao sujeito investigado maior liberdade em suas respostas, pois é um instrumento flexível, permitindo assim que outras questões pertinentes ao estudo em questão fossem levantadas a partir das primeiras respostas (Triviños, 2008).

Participaram da pesquisa, dois treinadores, sendo que estes trabalham na mesma instituição; três praticantes veteranos na modalidade de tênis de mesa adaptado em Goiânia que estão na ativa; um ex-dirigente de Federação e Confederação, e um ex-atleta de tênis de mesa adaptado. Estes sujeitos foram selecionados a partir de alguns critérios, os quais são: ter estado ou estar diretamente relacionado com a prática da modalidade do tênis de mesa adaptado em Goiânia; ser dirigente ou ex-dirigente de entidade esportiva relacionada à prática do tênis de mesa adaptado em Goiânia; ser praticante na modalidade de tênis de mesa adaptado na cidade de Goiânia; ser ex-praticante na modalidade de tênis de mesa adaptado na cidade de Goiânia; ser treinador na modalidade de tênis de mesa adaptado na cidade de Goiânia. Estes critérios foram criados vislumbrando colher dados mais pontuais e que seriam pertinentes ao tema investigado. Todos os sujeitos aceitaram fazer parte da pesquisa, assinando o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) De todos os sujeitos entrevistados apenas um deles será identificado, Roberto Alves, isto acontece por ser uma figura pública e reconhecida no campo do tênis de mesa adaptado, além de ter assinado um TCLE específico permitindo sua identificação na pesquisa. A análise dos dados foi realizada de forma descritiva.

4. O TÊNIS DE MESA EM GOIÂNIA

A apresentação da análise dos dados foi organizada a partir de eixos-temáticos que foram organizadas a partir da fala dos sujeitos entrevistados. Cada eixo-temático tem a função de descrever aspectos específicos do desenvolvimento da modalidade em Goiânia, ainda que por se tratar de um mesmo fenômeno apresentem correlação.

Organização do tênis de mesa adaptado em Goiânia. O tênis de mesa adaptado em Goiânia tem a sua origem através da Associação de Deficientes Físicos do Estado de Goiás (ADFEGO) em 1996, se mantendo até hoje por meio desta Associação. O início desta prática tinha como objetivos segundo os entrevistados proporcionar uma prática de lazer (ocupação do tempo livre) e contribuir na reabilitação das pessoas com deficiência. Destaca-se que esta modalidade surge em Goiânia da mesma forma que a maioria dos esportes adaptados no Brasil e no Mundo, mantendo-se inclusive seus objetivos. (Araújo, 1997). Mas, na fala do Roberto Alves este conta que praticava o tênis de mesa com pessoas sem deficiência no SESC de Goiânia antes mesmo de existir o tênis de mesa adaptado na ADFEGO. Sobre esta experiência registra-se aqui a falta de políticas públicas que fomentem experiências inclusivas no campo esportivo, nos quais participariam pessoas com deficiência e pessoas sem deficiência, como já existem os Jogos Cooperativos no Canadá e os Esportes Unificados nos Estados Unidos. (Sherrill, 1998).

O tênis de mesa adaptado na ADFEGO teve início com alguns atletas que praticavam basquete em cadeiras de rodas, que foi a pioneira das modalidades existentes nesta instituição, seguindo os passos do eixo Rio de Janeiro - São Paulo (Araújo, 1997; Freita & Cidade, 2002). Sobre este aspecto nota-se a reprodução dos esportes adaptados disputados em cadeira de rodas neste eixo para as demais cidades do país, o qual destaca-se que apesar de serem experiências interessantes a sua reprodução se dava por serem as únicas opções desenvolvidas no país. Um agravante deste quadro era o desconhecimento dos esportes adaptados pelas pessoas com deficiência e pelos profissionais de Educação Física, sobre estes últimos ressalta-se que apenas em 1987 ocorre a inclusão da disciplina optativa de Educação Física Adaptada nos currículos de formação superior em Educação Física. De fato, o atraso no desenvolvimento dos esportes adaptados não é uma situação própria das regiões periféricas, como a cidade de Goiânia, mas configura-se como uma realidade nacional.

O início da prática do tênis de mesa adaptado na ADFEGO despertou o interesse das pessoas com deficiência que frequentavam a instituição e com o crescente número de adeptos surgiu à demanda pela criação de uma equipe, assim em 1998 criou-se a equipe de tênis de mesa adaptado da ADFEGO. Um dos fatores que também influenciou a criação e o desenvolvimento desta equipe de tênis de mesa adaptado, foi o I Jogos Brasileiros de Paradesporto, sediado na cidade de Goiânia no ano de 1996. Movimento que também despertou o interesse por outras modalidades do esporte adaptado.

Destaca-se que o tênis de mesa adaptado se tornou uma das modalidades com mais adeptos dentre as modalidades adaptadas que são praticadas na ADFEGO. Dado que corresponde ao interesse por esta modalidade no mundo, segundo Destro (2010) em 1992 o tênis de mesa adaptado foi considerado a modalidade mais praticada entre as pessoas com deficiência. Cabe destacar aqui que o tênis de mesa adaptado é uma modalidade mais acessível, pois possui uma abertura maior de deficiência considerada elegível para a prática.

As razões que levaram a procura dos atletas entrevistados nesta pesquisa pela prática do tênis de mesa adaptado não é diferente da grande parte dos praticantes que

adentram nos esportes adaptados, estes se aproximam vislumbrando “a possibilidade de se firmarem como pessoas ‘normais’ e, portanto podem encarar o fenômeno como uma ‘ajuda’ à sua deficiência” (Shearer; Bressand *apud* Costa e Silva *et al.*, 2013, p. 681). O aspecto motivacional é de fundamental importância, pois as pessoas com deficiência enxergam o esporte adaptado como uma possibilidade de superação. Outro fator que se destaca é a noção de pertencimento, produzido por sentir-se parte de um grupo no qual existem mais pessoas com as mesmas condições, sendo que neste grupo suas ações tendem a ser aceitas e valorizadas (Goodwin *et. al.*, 2009).

Após a criação da equipe de tênis de mesa adaptado na ADFEGO manifesta-se em 1999 à necessidade de uma representatividade para dar legitimidade aos atletas em competições. Assim, alguns atletas do tênis de mesa adaptado de Goiânia se agruparam para organizar a Federação Goiana de Tênis de Mesa Adaptado. Em 2008, por motivos alheios a vontade dos dirigentes desta Federação, esta se une a Federação Goiana de Tênis de Mesa.

Em sua entrevista Roberto Alves relata que esta unificação trouxe grandes prejuízos para o tênis de mesa adaptado em Goiânia e em todo o Brasil, pela perda de sua diretividade no trabalho exercido. No entanto, mesmo sabendo de todos os prejuízos que seriam causados ao unir as Federações não foi possível conter esta iniciativa, pois a demanda vinha do Comitê Olímpico e Paralímpico Internacional e teve que ser perpassada para todas as Federações e a Confederação.

Desde o seu início do desenvolvimento desta modalidade até a atualidade a única instituição que abriu as portas para esta prática foi a ADFEGO, mesmo sendo o tênis de mesa adaptado de Goiânia uma dos esportes que tem os melhores índices de medalha de todo o país, o que denota ainda uma falta de interesse do Estado e também de instituições privadas na promoção do tênis de mesa adaptado.

Financiamento do tênis de mesa adaptado. Um grande marco no tênis de mesa adaptado, e não somente no tênis de mesa, mas em todos os esportes adaptados e amadores do Brasil, foi à aprovação da Lei nº 10.264/2001, que é mais conhecida como Lei Agnelo/Piva, e que visa minimizar os efeitos da fragilidade na formação inicial de atletas. Roberto em sua entrevista destaca que o esporte amador de maneira geral no Brasil se divide em dois momentos: um antes da aprovação desta lei; e o segundo momento após a aprovação da lei. Esta lei é a lei de incentivo fiscal ao esporte. Esta destina 2% da arrecadação brutas das loterias federais ao Ministério do Esporte, sendo que, 85% são destinados ao Comitê Olímpico e 15% é destinado ao Comitê Paralímpico. Dentro do próprio Comitê é realizada a divisão desta verba que é direcionada. Os resultados das parolimpiadas demonstram o impacto positivo deste investimento, nos anos de 1972 a 2000 a média de medalhas em suas edições era de 13,37, enquanto que nos anos de 2004 a 2012, após a aprovação da lei, a média de medalhas era de 41 por edição.

Ainda assim, Roberto Alves destaca que um dos principais problemas que a unificação da organização do tênis de mesa adaptado e convencional ocorrida em 2008 implica numa perda de autonomia na distribuição dos recursos, já que antes seus representantes podiam atender melhor as especificidades das pessoas com deficiência na prática esportiva. Segundo o Roberto Alves antes da unificação as federações podiam financiar a participação dos atletas nas competições através do pagamento de alojamentos, alimentação e pagamento de inscrição dos atletas, o que hoje não acontece mais. Sob este aspecto os atletas e o ex-atleta entrevistados também revelam que quando as competições eram organizadas de forma independente, as competições adaptadas

eram superiores em nível de organização se comparada às competições convencionais. Havendo aí um problema de gerenciamento de recursos que prejudica o desenvolvimento do tênis de mesa adaptado e que não se restringe apenas a realidade de Goiânia.

Sob os recursos disponibilizados as atletas, os dados revelam que a ADFEGO sempre procurou auxiliar os atletas a participarem de competições, mas com recursos escassos pouco pode contribuir. De forma geral cada atleta tem que arcar com as suas próprias despesas e quando possível à instituição coopera, como exemplifica a fala de um dos treinadores entrevistados:

“Então, assim, a ADFEGO em algumas competições ajuda com hospedagem ou com alimentação, alguma coisa assim, mas o restante é tudo por conta dos próprios atletas” (Sujeito 1, treinador, entrevista 04/08).

Outra forma de recurso é a bolsa atleta, mas destaca-se que não são todos os atletas que conseguem obtê-las e muito menos possuem condições de viver apenas com as bolsas. Os atletas que conseguem a bolsa precisam trabalhar ou ter outra fonte de renda para garantir sua sobrevivência. Ainda assim, os atletas na entrevista ressaltam a importância das bolsas para se manter na prática esportiva. Para ter direito a bolsa o atleta deve se manter entre os três primeiros colocados nas competições que participa, sendo a bolsa um tipo de premiação por seu desempenho, quanto mais importante for a competição maior será o valor da bolsa.

Em relação à bolsa atleta, alguns atletas acreditam que esta é uma forma de financiamento para melhorar a qualidade dos treinamentos e custear as viagens para as competições. Contudo, no site do Governo Federal se encontra disponível que a finalidade da bolsa atleta é de “garantir a manutenção pessoal mínima a atletas de alto rendimento para que possam se dedicar ao treinamento e participar de competições esportivas.” (Ministério do Esporte, 2014). No entanto, segundo os entrevistados nem todos os atletas conseguem sobreviver com a bolsa atleta, sendo esta uma ajuda de custo para financiar seu treinamento e participação em competições, enquanto precisam trabalhar para se sustentar. Tendo dupla jornada de trabalho.

Há alguns casos de atletas que possuem patrocínios individuais, mas

“Não tem nada bem forte não! Não tem nenhuma Coca-Cola não, não tem nenhum Itaú!” (Sujeito 5, atleta, entrevista 04/08).

Fala de um dos atletas entrevistados fazendo menção a grandes empresas que financiam o esporte convencional. Alguns atletas de Goiânia que são patrocinadas recebem esta ajuda por suas influências pessoais, como é o exemplo de uma atleta da ADFEGO que recebe um pequeno patrocínio, e que na fala de sua colega

“Nem chega a ser um patrocínio, uma ajuda, por exemplo, o dentista dela paga pra ela a inscrição de um evento, ajuda ela na compra de uma passagem aérea, ajuda na hospedagem, paga uma diária” (Sujeito 5, atleta, entrevista 04/08).

Segundo os sujeitos existe uma falta de interesse das instituições privadas no financiamento do esporte adaptado, fato que é realidade não só dos esportes adaptados, mas também de outros esportes que tem pouca visibilidade midiática.

Estrutura física e materiais do tênis de mesa adaptado em Goiânia. A estrutura física da ADFEGO é a mesma desde o início da prática do tênis de mesa adaptado em Goiânia. Apesar dos resultados positivos apresentados pelos atletas desta instituição dentre as demais modalidades no Brasil, não houve nenhum investimento na melhoria da estrutura física em que ocorrem os treinamentos. O espaço físico destinado aos treinos consta com uma quadra coberta, no entanto aberta em uma de suas laterais. Este espaço é dividido em dois ambientes, um para o treinamento do tênis de mesa adaptado e outro para o de vôlei sentado.

Em relação ao espaço treinadores e atletas reclamam desde do início do desenvolvimento da modalidade da abertura na lateral da quadra. A abertura na lateral da quadra implica na perda da visibilidade da bolinha em algumas situações de jogo devido à claridade. Jogar em locais que dificultam a visibilidade da bolinha é quase impossível, ainda mais se tratando de pessoas com deficiência, onde sua mobilidade é reduzida em virtude da deficiência física. Quanto mais difícil for à visibilidade, mais tardio será o tempo de reação do atleta, dificultando acentuadamente o seu desempenho. Outro aspecto relacionado à abertura lateral da quadra é o vento que interfere na trajetória da bolinha, impossibilitando dessa forma que o treino aconteça. Portanto, treinar em dias de sol intenso e vento forte se torna inviável, dificultando o desenvolvimento do desempenho dos atletas.

A quantidade de treino também é prejudicada devido à falta de um espaço físico específico, pois, como um dos treinadores da instituição disse,

“se tivesse mais espaço disponível haveria mais tempo de treinamento” (Sujeito 2, treinador, entrevista 04/08).

Isso ocorreria porque os atletas não iriam necessitar de se revezarem nos momentos dos treinos, porque poderiam se alocar mais mesas para jogar.

Outro fator que gera dificuldades nas realizações dos treinos é a falta de materiais, os técnicos e atletas entrevistados reclamam da falta de bolinhas suficientes, motivo pelo qual precisam parar o treino seguidas vezes para juntar as bolinhas. Além da falta reclama-se da qualidade do material, bolinhas e mesas, que se tem, visto que é muito inferior ao utilizado nas competições, interferindo no aperfeiçoamento técnico dos atletas.

Em relação a esta questão percebemos que a falta de investimento é um problema sério para o desenvolvimento desta modalidade na cidade de Goiânia. No entanto, não cabe a responsabilização da ADFEGO pela falta de investimento, já que esta ao ceder espaço físico e profissionais busca atender uma demanda social que não é a sua função, visto que a instituição tem como foco a reabilitação de pessoas com deficiência e o acesso ao Esporte é um dever do Estado, em especial, pelo carácter amador que sustenta a lógica do esporte adaptado (Pasini, 2010).

Participação em Competições. As competições no tênis de mesa adaptado são realizadas nos níveis estaduais, nacionais, federais e internacionais. Em todos estes níveis há atletas da ADFEGO representando o estado de Goiás, sendo que,

“[...] quase todos os atletas da ADFEGO participam de competições nacionais!” (Sujeito 1, treinador, entrevista 04/08).

Grande parte dos atletas é medalhista nestas competições e conseqüentemente recebem bolsas pelas suas conquistas.

Os sujeitos da pesquisa apontam a importância da participação nestas competições para o seu reconhecimento pessoal. Muitos atletas Paralímpicos vêm no esporte adaptado e nestas competições uma forma de voltar para a sociedade, pois como destaca Cardoso (2011) a prática de atividades físicas para as pessoas com deficiência além de colaborar com os benefícios físicos e benefícios de reabilitação, contribui de maneira significativa para testar seus limites e potencialidades, promover a integração social e a volta à sociedade da pessoa com deficiência.

Brazuma e Mauerberg-Decastro (2001), também destacam que o fator mais importante no alto rendimento para as pessoas com deficiência é a construção da sua percepção de identidade de atleta, não mais tendo uma identidade de pessoa com deficiência.

Outra questão destacada pelos entrevistados é a possibilidade de viajar e conhecer outros lugares e outras culturas ao participar das competições. Segundo Hopper (1984) muitos atletas com deficiência não possuem oportunidade de viajar por conta própria, em especial para fora do país, e encontram no esporte adaptado uma possibilidade de materilizar esta experiência, a despeito da falta de investimento.

Uma dificuldade apontada pelos atletas entrevistados no momento das competições é o fato do não acompanhamento de um técnico, pois um técnico nos momentos de jogos decisivos poderia dar informações relevantes a cerca de jogadas táticas.

“E outra dificuldade é quando a gente viaja nós não temos técnico pra nos acompanhar, e é muito ruim, porque quando você vai pra mesa, num jogo decisivo, que você tem lá a sua adversário com um técnico ao seu lado e você se vê sozinha, sem ninguém, sem um técnico, você não tem a quem recorrer.. Isso atrapalha muito, e muito mesmo! O técnico nunca que vai porque a ADFEGO tem que custear a despesa do técnico”. (Sujeito 5, atleta, entrevista 04/08).

Como vemos na fala de uma atleta, a falta de um técnico agrava ainda mais o nervosismo nos momentos de tensão das competições, o técnico nestes momentos se torna uma segurança a mais para os atletas e isso faz com que eles se desempenhem com mais qualidade, principalmente para atletas novatos em competições.

A pessoa do técnico esportivo assume inúmeras possibilidades de simbolismo por parte dos jovens atletas sob seu comando. A partir de expectativas individuais, estes jovens atribuem à figura do técnico esportivo a possibilidade de saciação de uma necessidade, ao mesmo tempo que o vêm como referência para suas ações. De maneira que, o técnico assume papéis pautados pela simbologia de tais possibilidades (expectativas) (Moreno y Machado, 2004, 23).

A falta de um técnico torna precária a participação do atleta na competição, um problema que os atletas Goianos enfrentam desde que começaram a praticar a modalidade de forma competitiva.

Tempo de treino. Os treinamentos que são realizados na ADFEGO atualmente ainda seguem a mesma lógica desde sua criação, conforme um dos treinadores relata,

“Comigo sempre foi o mesmo, sempre só fiz duas vezes por semana” (Sujeito 1, treinador, entrevista 04/08).

Os treinos sempre foram divididos da mesma maneira, são realizados quatro vezes por semana, com duração aproximada de duas horas cada treino. No entanto, não são todos os atletas que possuem condições de frequentar todos os treinos, com raras exceções. Os treinos são oferecidos em três dias da semana, portanto, há um dia que ocorre treino em dois períodos, dificultando assim ainda mais a participação de todos os atletas nos diversos treinos.

Apesar de conter dois treinadores na instituição, os treinos não possuem uma proposta técnica-tática, este fato é justificado pelos treinadores pela falta de disponibilidade de horários dos atletas, já que, seus horários são montados de acordo com a suas disponibilidades profissionais.

“Aqui não tem um treinamento organizado, eu tentei organizar um, mas não funciona porque cada um tem uma desculpa porque não pode participar nos horários” (Sujeito 2, treinador, entrevista 04/08).

Com isso, os atletas são prejudicados nas competições devido à qualidade do treinamento, pois

O sistema de treinos desportivos constitui o componente central da preparação do desportista. O treino desportivo representa o processo pedagogicamente organizado, cuja base é constituída pelos métodos de exercícios físicos que visam ao aperfeiçoamento máximo das potencialidades do organismo do desportista, de acordo com os requisitos da modalidade desportista (Zakharov, 1992, 33).

A falta da especificidade de um treinamento técnico-tático que oriente os atletas inviabiliza o desenvolvimento de suas habilidades e a correção de seus vícios técnicos e táticos. Os atletas de Goiânia ficam deste modo restritos as qualidades já adquiridas, estacionando o seu desenvolvimento esportivo. Junto à falta de proposta técnico-tática, temos também a falta de preparação física, como identificam os entrevistados. Segundo Zakharov (1992), a preparação física é de fundamental importância na carreira de um atleta profissional, pois é através desta que se desenvolvem as capacidades físicas necessárias aos atletas de alto rendimento.

Os treinamentos que ocorrem nesta instituição se constituem como um espaço/tempo para que os atletas de Goiânia possam experienciar o jogo repetidas vezes, sem uma preparação física específica ou qualquer cuidado maior com o desenvolvimento de habilidades técnicas-táticas. Neste sentido, entende-se que os atletas Goianos poderiam melhorar seus resultados em competições caso tivessem acesso a um treinamento adequado e disponibilidade de horários para praticá-los. Sobre este aspecto destaca-se que a realidade dos atletas não favorece, pois como fala o treinador

“Ou ele escolhe fazer uma coisa ou outra, então não tem jeito, então muitos aqui trabalham, treinam duas horas à noite, três vezes por semana, então não é aquela condição ideal pra praticar o alto nível” (Sujeito 1, treinador, entrevista 04/08).

Apesar de alguns serem beneficiados por bolsas atletas, ainda assim necessitam trabalhar, pois, a bolsa somente complementa a sua renda, já que seu valor é reduzido.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O esporte é um fenômeno sociocultural com formas de manifestação heterogêneas que se encontram dispostas de forma hierarquizadas. No entanto, o cenário encontrado na cidade de Goiânia em relação ao tênis de mesa adaptado não demonstrou-se ser resultado das condições sociais e históricas que comumente apontam esta região como retrógrada em relação as principais cidades brasileiras. A emergência tardia dos esportes adaptados associado ao seu desenvolvimento exclusivo para pessoas com deficiência contribuem para situar estas modalidades de forma desfavorável no campo dos esportes. Fato agravado em virtude dos maiores interessados não terem acesso fácil as informações que poderiam contribuir para o desenvolvimento desta modalidade, bem como, a intervenção tardia na formação de profissionais de Educação Física.

De modo geral, pode-se analisar que as características do desenvolvimento do tênis de mesa adaptado em Goiânia são semelhantes ao do processo de desenvolvimento dos esportes adaptados de maneira geral. No que diz respeito a sua especificidade destaca-se que a prática do tênis de mesa adaptado em Goiânia tem apenas 20 anos como nas principais cidades, neste tempo a mudança na gestão financeira das Federações indica uma precarização na participação em competições esportivas pelos atletas goianos, e os demais aspectos não apresentam um cenário promissor para o desenvolvimento da modalidade a despeito dos resultados obtidos pelos atletas locais.

Fato que induz a novas reflexões sobre o papel do esporte adaptado na visibilidade das potencialidades das pessoas com deficiência nesta cidade, já que esta prática social parece se configurar como um nicho que fica a margem das demais práticas esportivas.

Registra-se por fim uma carência de dados históricos, não foram encontrados registros em jornais, revistas e documentos institucionais que pudessem acrescentar informações as entrevistas realizadas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Araujo, P. F. *Desporto adaptado no Brasil: Origem, institucionalização e atualidade*. 1997, 152 f. Tese de doutorado em Educação Física – Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação Física. Campinas, 1998.
- Boas, M. S.V. et al. *Aspectos motivacionais e benefícios da prática de basquetebol sobre rodas*. Maringá, v.14, n.2, p.7-11, 2003.
- Brazuma, M. R; Mauerberg-Decastro, E. *A trajetória do atleta portador de deficiência física no esporte adaptado de rendimento. Uma revisão da literatura*. Motriz – Revista de Educação Física da UNESP, v. 25, n. 2, p. 115-123, jul. Dez. 2001.
- Cardoso. V. D. *A reabilitação de pessoas com deficiência através do desporto adaptado*. Esporte, Florianópolis, v. 33, n. 2, p. 529-539, abr./jun. 2011.
- Carmo, A. A. do. *Atividade motora adaptada e inclusão escolar: caminhos que não se cruzam*. In Rodrigues, David (org.). *Atividade motora adaptada: a alegria do corpo*. São Paulo: Artes Rev. Bras. Ciênc médicas, 2006, p. 51-61.
- Costa e Silva A. A. et al. *Esporte adaptado: abordagem sobre os fatores que influenciam a prática do esporte coletivo em cadeira de rodas*. Rev. Bras. Educ. Fís. Esporte, São Paulo, 2013. Out-Dez; 27(4):679-87.
- Costa. A. M; Sousa, S. B. *Educação Física e esporte adaptado: história, avanços e retrocessos em relação ao princípio de integração/inclusão e perspectivas para o século XXI*. Rev. Brasileira de Ciências do Esporte. v. 25, n.3, p.27-42, 2004.

- CPB. *Tênis de Mesa*. Brasília. s/d. Disponível em: <http://www.cpb.org.br/modalidades/tenis-de-mesa>. Acessado em: 16 de junho de 2014.
- Crúz, C. L. P.; Baldim, S. R. Acessibilidade: O caminho para a inclusão da pessoa com deficiência na sociedade. In: *Anais do II Seminário Educação, Comunicação, Inclusão e Interculturalidade*. Sergipe, 2009.
- Destro, I. E. M. *Tênis de Mesa Adaptado: Conceitos e Iniciação Esportiva*. 2010. 123f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação)-Faculdade de Educação Física. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2010.
- Dias, C. História do esporte no sertão brasileiro: memória, poder e esquecimento. In *Materiales para la Historia del Deporte*. n. 10. 2012. Disponível em: http://www.upo.es/revistas/index.php/materiales_historia_deporte/article/view/532/682. Acessado em: 20 de abril de 2015.
- Freitas, P. S.; Cidade, R. E. Paraolímpicas: Revisando a História. In: *Revista da Sociedade Brasileira de Atividade Motora Adaptada*. nº 1. Rio Claro, 2002. Disponível em: <http://www.rc.unesp.br/ib/efisica/sobama/sobamaorg/vol7no12002.pdf>. Acessado em: 16 de junho de 2014.
- Goodwin, D. et. al. Its okay to be a quad: wheelchair rugby players sense of community, In: *Adap Phys Act Q*. V.2, 2009.
- Gorgatti M.G. et al. *Tendência competitiva no esporte adaptado*. Arq San Pesq Saúde, 2008; 1:18:25.
- Gorgatti, M. G.; Gorgatti, T. O esporte para pessoas com necessidades especiais. In Gorgatti, M. G.; Costa, R. F. (Orgs.), *Atividade física adaptada: qualidade de vida para pessoas com necessidades especiais*. Barueri: Manole, 2005. p. 532-568.
- Hopper, C.A. (1984). *Socialization of wheelchair athletes in sports*. Doctoral dissertation, University of Oregon, Eugene.
- Horta, B. R. Análise comparativa da composição corporal de praticantes e não praticantes de desporto adaptado. In: *MOVIMENTUM - Revista Digital de Educação Física - Ipatinga: Unileste-MG - V.4 - N.1 - Fev/Jul. 2009*. Disponível em: http://www.unilestemg.br/movimentum/Artigos_V4N1_em_pdf/movimentum_v4_n1_horta_beatriz_muniz_carla_2_2008.pdf. Acessado em: 16 de junho de 2014.
- Lima, N. T. Missões civilizatórias da República e interpretação do Brasil. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*, Rio de Janeiro, vol.5, suppl., p. 163-193, 1998.
- Martins, M.; Camargo, F. *Aprendendo tênis de mesa Brincando*. Piracicaba. 1999.
- Mattos, E. Pessoas portadoras de deficiência física (motora) e as atividades físicas, esportivas, recreativas e de lazer. In: Pedrinelli, V. J. (Org.) *Educação Física e desporto para pessoas portadoras de deficiência*. Brasília: MEC-SEDES, SESI, 1994. p. 75-85.
- Ministério Do Esporte. *Bolsa atleta*. Brasília. s/d Disponível em: <http://www2.esporte.gov.br/sneat/bolsaAtleta/sobre.jsp>. Acesso em: 16 de junho de 2014.
- Moreno, B. S.; Machado, A. A. O simbolismo inconsciente de jovens atletas frente à figura do o técnico esportivo. In: *Movimento & Percepção*, Espírito Santo de Pinhal, SP, v.4, n.4/5, jan./dez. 2004.

- Pasini, G. M. O processo de desenvolvimento na trajetória de institucionalização do desporto paraolímpico brasileiro: origem, atualidade e modelos de financiamento. Campinas, 2010. (Tese de Doutorado)
- Sasaki, R. K. *Inclusão: construindo uma sociedade para todos*. Rio de Janeiro: WVA, 1997. 176 p.
- Senatore, V. Paraolímpicos do Futuro: apresentação. In: Conde, A. J. M.; Souza Sobrinho, P. A.; Senatore, V. (Orgs.). *Introdução ao movimento paraolímpico: manual de orientação para professores de educação física*. Brasília: Comitê Paraolímpico Brasileiro, 2006. p. 9-23.
- Silva, L. M. *O Estranhamento causado pela deficiência: preconceito e experiência*. Revista Brasileira de Educação. v.11, n. 33. 2006.
- Triviños, A. N. S. *Introdução a Pesquisa em Ciências Sociais: a pesquisa qualitativa em educação*. São Paulo: Atlas, 2008. 175 p.
- Zakharov, A. *Ciência do Treinamento Desportivo*. 1º ed. Rio de Janeiro: Grupo Palestra Sport, 1992.